

Mouawad, Wajdi. *O sangue das promessas: céus, florestas, litoral e incêndios*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Artistas Unidos: Cotovia, 2013.

Excerto retirado da peça *Incêndios*

SAWDA Não quero! Não quero consolar-me, Nawal. Não quero que as tuas ideias, as tuas imagens, as tuas palavras, os teus olhos, a tua amizade e toda a nossa vida lado a lado me consolem do que vi e ouvi! Eles entraram como loucos furiosos nos campos de refugiados. Os primeiros gritos acordaram os outros e rapidamente se ouviu a fúria dos milicianos! Começaram por atirar as crianças contra a parede, e depois mataram todos os homens que conseguiram encontrar. Os rapazes foram degolados, as raparigas, queimadas vivas. Tudo ardia ali à volta, Nawal, tudo ardia, eram só chamas! Havia ondas de sangue a escorrer nas vielas. Os gritos subiam às gargantas e extinguíam-se, era uma vida a menos. Um miliciano preparava a execução de três irmãos. Encostou-os à parede. Eu estava aos pés deles, escondida na valeta. Via as pernas deles a tremer. Três irmãos. Os milicianos arrastaram a mãe pelos cabelos, colocaram-na diante dos filhos e um deles berrou-lhe: «Escolhe! Escolhe qual deles queres salvar! Escolhe! Escolhe, senão mato os três! Mato-os a todos! Vou contar até três, e depois mato os três! Escolhe! Escolhe!» E ela, incapaz de falar, incapaz de fazer fosse o que fosse, virava a cabeça de um lado para o outro e olhava cada um dos seus três filhos! Nawal, escuta, não estou a contar-te uma história. Estou a contar-te uma dor que caiu a meus pés. Eu via-a, por entre o tremor das pernas dos filhos. Com os seios pesados e o corpo envelhecido pela gravidez dos seus três filhos. E todo o seu corpo gritava: «Para quê então tê-los parido se é para os ver encostados à parede e cobertos de sangue!» E o miliciano continuava a berrar: «Escolhe! Escolhe!» Então ela olhou para ele e disse-lhe, numa última esperança: «Como te atreves? Olha bem para mim, podia ser tua mãe!» Então ele bateu-lhe e disse: «Não insultes a minha mãe! Escolhe!» E ela disse um nome, disse: «Nidal, Nidal!» E caiu, e o miliciano abateu os dois mais jovens. Deixou o mais velho vivo, a tremer! Deixou-o ali e foi-se embora. Os dois corpos tombaram. A mãe levantou-se e, em plena cidade a arder e chorando todas as suas lágrimas, pôs-se a gritar que fora ela quem matara os seus filhos. Com o seu corpo demasiado pesado, dizia que era ela a assassina dos filhos!

Então o que é que fazemos? O que é que fazemos? Ficamos de braços cruzados? Esperamos? Compreendemos? Compreendemos o quê? Achamos que tudo isto são coisas de umas bestas e que não nos dizem respeito?! Ficamo-nos pelos nossos livros e pelo nosso

alfabeto, achando isso «incrivelmente» bonito, achando isso «incrivelmente» extraordinário e «incrivelmente» interessante! «Bonito. Belo. Interessante. Extraordinário» são escarros na cara das vítimas. Palavras! Para que servem as palavras, não me dizes, se hoje não sei o que devo fazer?! O que é que fazemos, Nawal?